



NEM TUDO É DESGRAÇA

As grandes crises quebram resistências e tabus

Uma pergunta intrigante — ou, com o perdão da brincadeira, de quebrar a cabeça: por que o velho jogo de montar estaria mobilizando tanto os recolhidos de hoje em dia? “O quebra-cabeça é uma atividade que se realiza em espaços interiorizados, como a casa, podendo ser socializado. Por causa da pandemia, temos passado muito tempo em ambientes propícios para atividades assim, e que exigem concentração”, afirma o psicanalista Daniel Kupermann, professor de psicologia clínica da USP. “Ademais, o jogo é lúdico — tira a atenção do que nos tem trazido sofrimento.” Quem brinca sabe o que sente. “Está sendo uma terapia. Fico longe do celular e me acalmo. Já encomendei outro”, diz a influenciadora digital Gabriela Pugliesi, que contraiu o novo coronavírus em março e teve de ficar isolada. Gabriela postou recentemente no Instagram uma imagem em que aparece montando um quebra-cabeça. O mesmo também já fizeram o ator inglês Tom Holland e a apresentadora americana Ellen DeGeneres.

Os quebra-cabeças começaram a ser vendidos na Inglaterra dos anos 1760. Quase dois séculos mais tarde, em 1933, com o mundo mergulhado na Grande Depressão, o hobby experimentou uma espetacular comercialização: 10 milhões de jogos eram produzidos semanalmente. Seria esse um mau presságio? “Montar um quebra-cabeça dá à pessoa uma chance de ordenar o caos, fornecendo-lhe uma gratificação muito importante durante um período tão confuso”, resume Anne Williams, professora de economia da Bates College (EUA) e pesquisadora da história desse jogo. Que a ordenação do caos não se restrinja às peças lúdicas dos quebra-cabeças. ■

NO TURBILHÃO das redes sociais, citou-se Einstein: “A crise é a maior bênção que pode acontecer com as pessoas e países...”. De fato, pesquisas mostram que as crises quebram resistências. O impossível torna-se possível. Na correria para evitar o caos, quebram-se barreiras e tabus. Ao fim da crise, muito voltará ao que era. Restaurantes voltarão a abrir e muitos trabalharão nos escritórios. Mas nem tudo!

■ **Telecompras.** A senha? O cartão foi recusado? Vencidas essas batalhas, serão entregues as compras? Acabaremos nos acostumando. Mas, quando terminar isso tudo, em vez de carregar as compras pela rua afora, por que não continuar recebendo em casa? Mas, vá lá, gostamos de apalpar o queijinho e tamborilar no melão.

■ **Home office.** Sempre houve gente trabalhando em casa. Agora não é mais o desfastio de alçguns. Aos trancos e barrancos, 60% da força de trabalho já opera de pijama e economiza o tempo para chegar ao escritório. Em muitos casos, nem pensar em voltar ao velho sistema. E as empresas, felizes com menos gente nos escritórios — e menos custos.

■ **Telemedicina.** Faz poucos meses, as associações médicas confirmaram a proibição do atendimento a distância. Hoje, qual médico não quer cuidar do seu paciente bem de longe? E assim acontece, aumentando a produtividade do sistema, reduzindo a contaminação e abrindo portas para outras revoluções. A evidência suíça sugere 80% de resolução. Haverá força política para a burrice de voltar atrás? Contudo, será temporária a flexibilização dos protocolos de autorização de novos

medicamentos. Há boas razões para voltarem a ser rigorosos e demorados.

■ **Educação a distância.** O ensino por correspondência apareceu, na Inglaterra, em meados do século XIX. Discretamente, vai crescendo. No início do século XX, foi criado o primeiro curso superior a distância, conhecido pela sigla EAD. Porém, emblemática da suspeição, falhou a tentativa de operar a Open University de Oxford e Cambridge. Ao longo dos anos, sobrevivem ceticismo e rejeição. Mas, para quem acredita na ciência, pesquisas recentes mostraram que, em cursos comparáveis, os resulta-

dos são equivalentes. No Brasil, o Enade permite verificar que, bons ou ruins, as diferenças são pequenas entre presencial e EAD. As faculdades mais ágeis estão a pleno vapor, cada uma com sua solução. Os aplicativos de comunicação ganham clientes, aos milhões. Contudo,

algumas universidades públicas estão paralisadas. É crível a desculpa de haver alunos que não têm computador? E se emprestassem os que estão parados nos laboratórios?

No ensino básico, o desafio é assustador e a pressa, muita. Secretários estaduais estão ativamente preparando-se para a via digital. Alguns já começaram. Abre-se um gigantesco leque de usos para novas tecnologias. Oxalá não percamos essa janela de possibilidades de sair do artesanato.

É inverossímil imaginar que tudo voltará ao que era antes. Muitas soluções, antes heréticas, se revelarão melhores que as velhas. Algo de bom trará a crise. Nem tudo é desgraceira. A hora é de brigar para a legislação não dar marcha a ré. ■

“Muitas soluções de trabalho e ensino, antes heréticas, se revelarão melhores que as velhas”